



Atoleiros, a primeira grande vitória de D. Nuno Álvares Pereira *

Frederico Gonçalves Pereira**

Que este solo sagrado dos Atoleiros nos lembre sempre: somos pequenos, mas não somos fracos. Somos poucos, mas não estamos sós. Somos portugueses.

Paramos hoje aqui. Neste mesmo chão. Há 642 anos. Imaginem.

Era 6 de abril de 1384. O sol nascia sobre o Alentejo. Um homem jovem, de pouco mais de vinte anos, ajoelhava-se e beijava o solo. E depois, de espada na mão, enfrentava um gigante. Mas para entendermos este momento — este instante em que Portugal quase morreu e renasceu — temos de recuar. Recuar a um tempo de trevas, e conturbado.

O declínio do reino de Portugal com D. Fernando e D. Leonor Teles

Em 1367, subiu ao trono D. Fernando. O reino, à data da sua coroação, ainda respirava. Mas D. Fernando envolveu-se em guerras. Guerras perdidas com Castela. Três guerras. Três fracassos.

Deixou-se influenciar pela rainha, D. Leonor Teles, e pelos seus favoritos. E o País afundou. O tesouro régio esvaziou-se. A moeda desvalorizou. Os preços subiram. A fome entrou pelas portas das vilas. E depois veio a peste. O povo sofria.

Quando D. Fernando morreu, em 22 de outubro de 1383, não deixou herdeiro varão. Deixou apenas uma filha: D. Beatriz. E deixou um tratado. O Tratado de Salvaterra de Magos, assinado em abril desse ano. O que dizia esse tratado?

Dizia que D. Beatriz casaria com D. Juan I de Castela.

O Conde Andeiro e o Mestre de Aviz

Nessa corte podre, havia um homem, um conde. O segundo conde de Ourém. Chamava-se João Fernandes Andeiro. Era galego. Fora o valido de D. Fernando. Diziam que era amante da rainha. Era hábil. Manobrava interesses. Tinha mãos de seda e dentes de lobo.

Mas havia outro homem. Um homem que não aceitava a submissão. Chamava-se D. João, Mestre da Ordem de Avis. Era filho bastardo de D. Pedro I. Meio-irmão de D. Fernando. Durante algum tempo hesitou.

Até que, no dia 6 de dezembro de 1383, entrou nos Paços da Rainha. E matou o Conde Andeiro. Com a sua própria mão.

A notícia correu como fogo em palha seca. Lisboa amotinou-se. O povo tomou as ruas. E proclamou o Mestre de Avis como “Regedor e Defensor do Reino”. Ouviram bem: foi o povo que o fez. Não os grandes senhores. O povo. Nas noites de dezembro, à luz de archotes, homens simples gritaram o nome de D. João. Porque sabiam que ele era a única barreira contra

A revolução de 1383

Porque é que o povo aderiu? Não era só medo de Castela, que os motivava. Era também fome. Era cansaço. Desde há anos, as colheitas falhavam. A Peste Negra ceifara famílias inteiras. As guerras com Castela tinham sugado o reino.

Dizia que, após a morte de D. Fernando, D. Leonor Teles seria regente até nascer um filho varão. E dizia que, quando esse filho completasse 14 anos, a Coroa de Portugal passaria para os descendentes do rei de Castela. A capital do Reino mudar-se-ia para Toledo.

Toledo! Não Lisboa. Não Coimbra. Toledo. Portugal deixaria de ser Portugal. Seria uma província. Um apêndice. A nobreza que apoiava D. Leonor via nisto a sua salvação. Mas o povo? O povo não. O povo murmurava.

Quando D. Leonor mandou apregoar pelas cidades — “Arraial, arraial, pela rainha D. Beatriz, nossa senhora!” — as gentes de Lisboa, Santarém, Elvas responderam com silêncio hostil. Não queriam. Não queriam um rei estrangeiro. Não queriam perder a liberdade.

Castela.



A Morte do Conde Andeiro – D. João, Mestre de Aviz (mais tarde, o rei D. João I) mata João Fernandes Andeiro, Conde de Ourém. Pintura no Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto

• • •

E os nobres? A alta nobreza tinha-se tornada composta por nobres castelhanos e galegos. A baixa nobreza, os filhos segundos e os bastardos — aqueles que não herdavam terras, ou que não estavam nas graças da corte — viam-se fechados em conventos ou ordens militares. Os Leitões, os Teixeira, os Carvalhos, os Pereiras — de

onde saiu Nuno Álvares Pereira — todos eles queriam um lugar no mundo. E viram no Mestre de Avis a sua esperança.

Mas a grande massa, a imensa maioria, era o povo das cidades. Lisboa aderiu na mesma noite de 6 de dezembro. Em janeiro, Almada e o Porto disseram sim. Em maio, Coimbra. No Alentejo, as populações assaltaram os castelos que pertenciam a D. Leonor. Beja, Portalegre, Estremoz, Évora — caíram para o Mestre. Há

Eis Nuno Álvares Pereira

E nesse momento, Deus deu a Portugal um presente. Um jovem nobre, filho segundo, saído da família Pereira. Chamava-se Nuno Álvares Pereira. Apresentou-se ao Mestre de Avis em dezembro de 1383. Tinha pouco mais de vinte anos. E pôs-se ao seu serviço.

O Mestre nomeou-o fronteiro da comarca de Entre Tejo e Guadiana. Com poder absoluto. Militar, económico, político. Tudo.

E Nuno partiu. Escolheu em Lisboa duzentos cavaleiros. Quarenta deles da alta nobreza. Juntou cerca de mil homens a pé. E marchou para sul. Vamos a Estremoz. Ali, no Rossio de São Braz, passou revista às tropas. Trezentos cavaleiros. Mil e cem homens a pé. Cem besteiros. No total, mil e quinhentos homens.



Estátua equestre de D. Nuno Álvares Pereira, junto ao Mosteiro da Batalha

E a notícia chegou: os castelhanos estavam no Crato. Eram cinco mil. Mil cavaleiros. Quatro mil peões. Os capitães de Nuno tremeram. Disseram-lhe que eram poucos, eles muitos. Disseram-lhe mais: que os seus dois irmãos combatiam na hoste invasora.

Nuno respondeu. E a resposta ficou para a história. Disse-lhes que ainda que estivesse lá seu próprio pai, combateria os castelhanos. Depois, virou-se para os seus

um facto extraordinário, que a História regista: não se conhece uma única população de uma povoação portuguesa que tenha aderido a El-Rey de Castela. Nem uma.

Os alcaides dos castelos, muitos deles, mantiveram-se fiéis a D. Beatriz.

Mas o povo? O povo estava do outro lado. O povo era de D. João.

homens. E fez um desafio. Apontou para um riacho. E disse-lhes que quem o quisesse seguir, que passasse para o outro lado. Quem o não quisesse que ficasse deste lado. E atravessou. A maioria atravessou com ele. Assim se fez um exército.

No dia 6 de abril, ao romper da aurora — seis da manhã — Nuno mandou tocar trombetas. Ouviu Missa. E partiu.

Chegou à Herdade dos Atoleiros. Dois quilómetros e meio a sul de Fronteira. Parou. Olhou o terreno. E tomou uma decisão genial. Escolheu uma ligeira elevação. À frente, uma ribeira: a ribeira das Águas Belas. Larga. Funda. Um fosso natural. Mas de longe, do lado de onde os castelhanos iriam chegar, não se via. Era uma armadilha.

Depois, fez o inédito na Península Ibérica. Mandou aprear toda a cavalaria. Sim, os cavaleiros desceram dos cavalos. Porquê? Porque sabia que os seus poucos cavaleiros, não resistiriam ao choque dos esquadrões castelhanos. Transformou-os em infantaria. A vanguarda à frente. As alas nos lados. A retaguarda atrás. Homens a pé em todas as faces. E os besteiros? Colocou-os por detrás da vanguarda e nas alas.

Depois, mandou cravar as lanças no chão. Obliquamente. Apontadas para o inimigo. Cada lança segura por um braço firme. Formou-se uma frente cerrada. Um ouriço de aço. E no meio dos homens a pé, misturou cavaleiros de confiança. Com uma ordem cruel: se alguém tentasse fugir, que o matassem ali mesmo.

Depois, montado a cavalo, falou aos seus soldados. Disse-lhes quatro coisas. Que se encomendassem a Deus e à Virgem Maria. Disse-lhes que era ali que serviam o Mestre de Avis. Que estavam a defender as suas famílias, casas e terras. E, por último, que se dispusessem a lutar não uma hora, mas o dia inteiro se fosse preciso.

Depois, desmontou. Beijou o solo. Pôs um capacete sem

viseira. Para que todos vissem o seu rosto. Pegou numa

longa lança. E foi para a vanguarda. Cumpriria a promessa: seria o primeiro a combater.

A batalha dos Atoleiros

Os castelhanos chegaram. Viram os portugueses. Poucos. A pé. Mal-armados. Riram.

Decidiram lançar-se em carga de cavalaria. Para mais depressa os esmagarem. Por volta do meio-dia, carregaram. Lanças compridas debaixo das axilas. A galope. Gritando: “Por Castela e por Santiago!” A terra tremia.

Mas a armadilha fechou-se. Os cavalos entraram no terreno argiloso. As patas afundaram. Cavalos a cair. Cavaleiros ao chão. Os que vinham atrás tropeçavam nos tombados. E então, os besteiros portugueses atiraram. Virotes choviam sobre os castelhanos. Os homens a pé lançavam pedras. Os que chegavam à frente espetavam-se nas lanças cravadas. Morriam ali. Os castelhanos recuaram. Reagruparam-se.

Lançaram um segundo ataque. Igualmente fracassado. Nesse segundo ataque, morreu o Mestre de Alcântara. Pero Gonçalves de Sevilha. Um golpe duro.

Terceiro ataque. Quarto ataque. Desta vez, contra as alas. Os castelhanos pensavam que os flancos seriam mais frágeis. Enganaram-se. As alas resistiram. Os besteiros não paravam de atirar. A infantaria castelhana também avançou. Quatro mil homens. Mas o terreno era o mesmo. As pedras e os virotes eram os mesmos. E a morte era a mesma.

Uma hora durou a batalha. Uma hora. Quatro ataques.

Gratidão, exemplo e identidade

No dia seguinte, Nuno foi a pé e descalço até Assumar. Agradecer a Santa Maria. Não era orgulho. Era gratidão. Sabia que a vitória não era só sua. E esta vitória mudou tudo.

Mudou a tática militar. Pela primeira vez na península ibérica, a cavalaria desmontou para enfrentar a cavalaria. Uma inovação.

Mudou a psicologia dos portugueses. Até Atoleiros, os castelhanos pareciam invencíveis. Depois de Atoleiros, os portugueses souberam que podiam vencer.

Mudou a psicologia dos castelhanos. Chegaram aqui soberbos. Saíram daqui humilhados. A partir daí, a campanha deixou de ser um passeio. Passou a ser um

Quando os castelhanos perceberam que não conseguiriam romper as linhas portuguesas, começaram a fugir.



Batalha dos Atoleiros, fresco de Jaime Martins Barata no Palácio da Justiça de Fronteira

• • • •

Então, Nuno Álvares Pereira montou a cavalo. E ordenou a perseguição. Os cavaleiros portugueses, que haviam combatido a pé, subiram agora para os seus montantes. E partiram atrás do inimigo. Perseguiram-nos até cair a noite. Seis, sete quilómetros. Em direção a Monforte e ao Crato.

Os números são impressionantes. Do lado castelhana, morreram cerca de seiscentos homens. Doze por cento do seu exército. Do lado português? Quase nenhuma baixa. Quase nenhuma.

pesadelo.

Mas mais do que tudo, Atoleiros deu a Portugal uma consciência. Uma consciência nacional. Percebemos, ali, naquele dia, que éramos um povo. Não uma coleção de feudos. Não uma província de Castela. Um povo. Com fronteiras. Com vontade de ser livres.

Essa consciência nunca mais se perdeu. Chegou aos nossos dias. E ficará para o futuro. A Batalha dos Atoleiros foi o prenúncio de Aljubarrota. Foi a semente de tudo o que somos hoje.

Não nos limitemos a recordar. Tragamos esta lição para as nossas vidas. Nuno Álvares Pereira ensinou-nos que a inteligência vence a força bruta. Ensinou-nos que um

líder que combate ao lado dos seus soldados é imbatível. Ensinou-nos que a liberdade não se negocia. E ensinou-nos que Portugal — este país pequeno — só chegou até aqui porque houve homens e mulheres que disseram não. Que recusaram curvar-se. Que preferiram morrer em pé a viver de joelhos.

Honramos hoje a memória do Santo Condestável. Honramos os seus cavaleiros, os seus besteiros, os seus homens a pé. Honramos as gentes do Alentejo que acreditaram. Que assaltaram castelos. Que deram o que

tinham — o pão, o azeite, os filhos. E que venceram.

Que este solo sagrado dos Atoleiros nos lembre sempre: somos pequenos, mas não somos fracos. Somos poucos, mas não estamos sós.

Somos portugueses.

Viva Nuno Álvares Pereira! Viva a memória dos heróis dos Atoleiros!

Viva o Exército Português! Viva Portugal!



* Este artigo é a adaptação da alocução de carácter histórico proferida pelo Alferes Frederico Gonçalves Pereira, nas cerimónias militares de comemoração do 642.º aniversário da Batalha dos Atoleiros, que decorreram em Fronteira, no passado dia 6 de abril de 2026.

**Oficial do Exército. Chefe da Secção de História Militar da DHCM.